



A identidade sul-fluminense no RJTV 2ª edição¹
Camila Carvalho Gomes da Silva²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O artigo analisa qual a identidade local que o telejornal RJTV 2ª edição concretiza através da veiculação de notícias referentes aos fatos ocorridos na região Sul do Estado do Rio de Janeiro. Pretende-se verificar a hipótese de que este programa jornalístico busca valorizar o passado desta região, notório pelo fato de diversas cidades terem se destacado como grandes produtoras de café no século XIX. A crítica proposta objetiva demonstrar que o telejornal almeja forjar traços de uma identidade própria aos habitantes da região sul-fluminense, sendo uma das características peculiares a tal comunidade, o orgulho de possuir um passado com uma pujança econômica que merece ser resgatada. A análise dos dados coletados foi em espaço e tempo aleatórios e suas categorias foram definidas a partir da análise empírica dos dados observados.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade local; jornalismo regional; telejornalismo regional.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende investigar qual é a identidade local veiculada por um programa jornalístico de grande repercussão na região Sul Fluminense, assim como suas implicações no processo de construção da identidade desta comunidade. É relevante destacar ainda o fato de que o presente trabalho tem como pano de fundo as questões identitárias emergentes no cenário pós-moderno onde vivemos. Desta maneira, iniciamos a problematização colocando em relevo o termo Globalização, pois este se configura como base e ponto principal de uma vasta gama de discussões na atualidade. Porém, cabe salientar que sua definição ainda encontra-se em aberto.

Em geral “os especialistas resumem o fenômeno como o processo de intensificação das relações internacionais a ponto de gerar um espaço supra-nacional, com autonomia relativa, mas suficiente para que os pesquisadores aí identifiquem uma dinâmica própria.” (PRADO, 2001, p.67) Entretanto, salientamos que esse processo não pode ser encarado como um fato incontrolável, ou como se fosse algo natural. É preciso analisar tal processo, suas implicações, suas conseqüências e também procurar possíveis

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda em Comunicação e Identidades pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; Especialista em Comunicação Empresarial pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.



alternativas a ele, sem se deixar influenciar por uma nostalgia histórica, que defende o retorno à realidade pré-globalização, visto que isto é impossível.

Adotaremos como base para o trabalho a ser desenvolvido a visão de Antônio Albino Canelas Rubim, defensor do termo “glocalização” em substituição ao termo globalização. Segundo o autor, tal fenômeno, por ser sentido de forma singular em cada região do mundo, merece ser nomeado de maneira diferente daquela utilizada pela maioria dos pesquisadores. Desta maneira, a “glocalização” se estabelece no primeiro momento como consequência da necessidade de expansão do capital e a partir dessa esfera econômica, todas as outras esferas -política, cultural, social - etc, vão paulatinamente se inserindo nesse processo, pois afinal, todos esses campos estão em íntimo contato, um influenciando e sendo influenciado pelos outros. Tal fato pode ser ratificado pelo seguinte exemplo: ao comprar um produto exportado, ação tornada possível pela livre circulação de mercadorias gerada pela “glocalização”, não se adquire somente um bem material, mas também um bem simbólico, pois tal mercadoria está impregnada pela cultura de seu país originário. Assim, o indivíduo passa a ter que se posicionar diante da diversidade de costumes, hábitos, crenças e práticas que começam a fazer parte de seu universo - agora ampliado - de valores. (PRADO, 2001, p.80).

Os defensores da “glocalização” argumentam que as quebras das fronteiras espacial e temporal proporcionariam uma total liberdade, seria a libertação do indivíduo, que não teria mais que se prender as tradições nacionalistas, e/ou grupais. Porém, a liberdade desejada pelo grupo gerador e gestor da “glocalização” é outra bem diferente. Sendo guiados principalmente por interesses econômicos, a liberdade vislumbrada por estes é em relação ao poder estatal. (PRADO, 2001, p.107). Conclui-se que a liberdade gerada pela “glocalização” é a liberdade dos empecilhos provocados pelos Estados-nação à expansão do capital. Nesse sentido, os veículos de comunicação se destacam e se fortalecem passando a ser uma das fontes fornecedoras de valores, costumes, etc., estruturadores das identidades coletivas; mas, afinal, como a ideia de local (de comunidade) se encaixa nesse contexto de “glocalização”? Para Raquel Paiva o globalismo exacerba a competitividade e o individualismo. Com isso, produz um paradoxo: à medida que o indivíduo perde sua identidade, ou melhor, tem que escolher quem ele é, já não recebe essa identidade naturalmente como herança grupal, ele procura se encaixar num determinado microuniverso. (PAIVA, 2003, p.26).



É relevante destacar também que no mundo globalizado o indivíduo perde grande parte de seu poder de ação social, já que a realidade torna-se, de certa maneira, uma coisa sem lugar definido espacialmente. Muitas vezes a vivência ocorre num espaço virtual, vive-se através dos meios de comunicação, e a realidade passa a ser percebida através destes. Dessa maneira, o indivíduo sujeito é transformado, gradativamente, em indivíduo objeto. É nesse momento, para não se deixar engolir por esse poder que é real, tem capacidade de transformar a sua vida cotidiana, mas é totalmente imaterial (abstrato), que o indivíduo procura um grupo de identificação capaz de “protegê-lo” e de devolver a ele a sua capacidade de ação social.

A IDENTIDADE DO “NOVO” HOMEM DO SÉCULO XXI

A primeira premissa teórica a ser apresentada deve dizer respeito à palavra identidade. Esta palavra teria uma extensa história filosófica “que examina a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade.” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p. 369); o termo só se popularizou no século XX, principalmente em decorrência da publicação na América do Norte, de livros como *The Lonely Crowd* (Riesman, 1950) *Identity and Anxiety* (Stein, 1960). Estes, relatavam o aumento da perda de significado e a posterior busca por ela numa sociedade de massa. A partir deste momento, a palavra em foco passou a ser utilizada nas descrições dessa procura por respostas à questão “quem realmente eu sou?”. “Tratando inicialmente das crises enfrentadas por negros, judeus e minorias religiosas, ela foi, em última análise, generalizada para o todo da sociedade moderna.” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p. 369). No campo das ciências sociais, as discussões referentes à identidade apresentam duas vertentes, a psicodinâmica e a sociológica. A visão escolhida para orientar este trabalho é a da vertente sociológica, e por este motivo a exposição de seus argumentos teóricos será mais detalhada do que a da psicodinâmica, que apenas será citada a seguir: “A teoria psicodinâmica enfatiza o cerne de uma estrutura psíquica como tendo uma identidade contínua (embora, em geral, conflitante).” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p.369). Por sua vez, a tradição sociológica da teoria da identidade está intimamente unida ao Interacionismo Simbólico, e emerge tendo por base a teoria pragmática do eu discutida por William James e George Herbert Mead:



O eu é uma capacidade caracteristicamente humana que permite às pessoas ponderar de forma reflexiva sobre sua natureza e sobre o mundo social através da comunicação e da linguagem. Tanto James quanto Mead encaram o eu como um processo com duas fases – o Eu que é sabedor, interior, subjetivo, criativo, determinante e inescrutável; e o Eu Mesmo, que é a fase mais conhecida, exterior, determinada e social (...). É o Eu Mesmo que está mais ligado à identidade – ao modo pelo qual chegamos a nos tornar a nos mesmos como objetos através do ato de vermos a nós mesmos e aos outros. (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 2000, p.369-370).

É interessante mencionar que, de acordo com esta abordagem, a identificação é um processo discursivo, de outorgar nome, de nos colocarmos em categorias construídas socialmente. Desta forma, a linguagem torna-se um fator decisivo no processo de descobrimento de nossa identidade. Historicamente, de acordo com Stuart Hall, podemos considerar a existência de três concepções distintas de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Com relação ao sujeito do Iluminismo; que possuía como pano de fundo uma concepção individualista; pode-se dizer que este era um indivíduo centrado, unificado, com uma identidade fixa. (HALL, 2001, p.10); já o sujeito sociológico carregava implícita uma concepção interativa de identidade e do eu. A noção deste sujeito era a de que o núcleo interior da pessoa é formado a partir da relação estabelecida por esta com os indivíduos importantes para sua vida. Sobre este sujeito Hall salienta que ele “ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que estes mundos oferecem.” (HALL, 2001, p.11). Por sua vez, o sujeito pós-moderno é qualificado como um indivíduo possuidor de uma identidade fragmentada, como se nós abrigássemos vários eus. Nesse sentido, Hall argumenta:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2001, p.13).

Mas, como se deu esta transformação do sujeito ao longo dos tempos? O primeiro passo relevante para a ocorrência destas modificações na estruturação da identidade do sujeito foram as transformações vindas com a modernidade, que



“liberaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas.” (HALL, 2001, p.13), pois antes do Iluminismo, a crença predominante era a de que tais estruturas sociais e as tradições eram divinamente estabelecidas. Todavia, o aparecimento do “ ‘indivíduo soberano’, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado.” (HALL, 2001, p.13), muitos movimentos culturais ocidentais ajudaram a fazer surgir esta concepção do sujeito individualista e soberano porque:

A Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem (*sic*) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional (...). (HALL, 2001, p.26).

Segundo Stuart Hall, “um quadro mais perturbado e perturbador do sujeito e da identidade estava começando a emergir dos movimentos estéticos e intelectuais, associado com o surgimento do modernismo.” (HALL, 2001, p.32), assim o que vemos então é a última – até agora – transformação vivida pela concepção de identidade norteadora do sujeito. “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.” (HALL, 2001, p.32); desta maneira, o sujeito, antes visto como possuidor de uma identidade fixa e estável foi perdendo força, e aos poucos deu lugar ao sujeito com uma identidade em aberto, inacabada, em constante transformação, fragmentada, uma identidade própria da cultura hibridizada dos dias atuais. E é este o sujeito pós-moderno ao qual iremos nos referir na presente pesquisa.

CULTURA, MÍDIA E MEIO SOCIAL

Com relação ao termo cultura, cumpre destacar o pensamento de Felix Keesing, citado por Roque de Barros Laraia em seu livro *Cultura - um conceito antropológico*:

não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado. (LARAIA, 2009, p.17).



Neste sentido, é relevante destacar que uma das premissas deste trabalho é a ideia de que o mundo que nos cerca é construído através de um discurso, de uma narrativa. Desta maneira, a cultura não nos é naturalmente dada, ela nada mais é do que uma construção social. Assim, podemos afirmar que o determinismo biológico que ainda é defendido por algumas teorias, representa a ideia oposta àquela que é uma das bases estruturadoras desta pesquisa. Seguindo a mesma linha de raciocínio, também discordamos do determinismo geográfico, que defende que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural. Neste sentido, é esclarecedor o trecho abaixo:

A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. E mais: que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico.³ (LARAIA, 2009, p.21).

Segundo Douglas Kellner, existe uma cultura que nos atinge através das imagens, sons e espetáculos midiáticos, que nos ajudam a construir nosso dia a dia, “modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade”.(KELLNER, 2001, p.9). Assim, para o autor, a cultura fornecida pela mídia nos dá o material responsável pela criação das “identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (KELLNER, 2001, p.9). Nesta cultura, definida por Kellner como “Cultura da Mídia”:

As pessoas passam um tempo enorme ouvindo rádio, assistindo à televisão, freqüentando cinemas, convivendo com música, fazendo compras, lendo revistas e jornais, participando destas e de outras formas de cultura veiculada pelos meios de comunicação. Portanto, trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades, algo que, segundo alguns, está minando a potencialidade e a criatividade humana. (KELLNER, 2001, p.9).

³ É possível adquirir mais informações sobre esta questão no livro “Cultura - um conceito antropológico”, do autor Roque de Barros Laraia.



O que pretendemos investigar neste artigo são as características que emergem nas notícias do telejornal RJTV 2ª Edição como especificidades da identidade do habitante da região sul do Estado do Rio de Janeiro. Nossa hipótese inicial é de que o telejornal em foco busca, através de suas notícias, valorizar o passado da região - que foi marcadamente notório pelo fato de diversas cidades da localidade terem se destacado como grandes produtoras de café no século XIX – e desta maneira determinar um traço característico da comunidade sul-fluminense: o orgulho de pertencer a um local possuidor de um passado glorioso.

O SUL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A região do Sul Fluminense é uma das seis regiões do Estado do Rio de Janeiro, fazendo fronteira com os Estados de São Paulo e Minas Gerais, sendo uma região de razoável densidade populacional, com cerca de 1 milhão de habitantes (IBGE-2010). O maior município desta localidade é Volta Redonda, com uma população de aproximadamente 260 mil habitantes, e onde está localizada a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Esta região fluminense tem uma economia baseada em diversificadas atividades: indústria metal-mecânica, automotiva, metalúrgica, siderúrgica, energética, nas atividades agropecuárias – destacando-se a criação de gado leiteiro –, entre outras. Em relação aos transportes, é importante mencionar que esta região é cortada por ferrovias e rodovias que ligam suas cidades aos principais centros econômicos do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte).

No que tange ao turismo, destaca-se na cidade de Resende o Pico das Agulhas Negras, que com 2.787 metros é o ponto mais alto do Estado do Rio de Janeiro. Outras atrações turísticas responsáveis pelo aquecimento da economia da região, que durante muito tempo se dedicou à cafeicultura, são as propriedades rurais do Médio Vale do Paraíba Fluminense, que atraem um considerável número de turistas curiosos por conhecer o “Vale do Ciclo do Café”. A região é considerada possuidora de uma cultura diversificada, bem distinta daquela predominante no resto do Estado. Uma de suas manifestações culturais que possui notoriedade é a Folia de Reis. Por fim, é interessante por luz sobre um fato histórico que muito provavelmente justifica a diversidade cultural própria do Sul do Estado do Rio de Janeiro. Existe na região uma presença marcante de imigrantes de vários lugares do mundo. São, sobretudo, italianos, finlandeses, portugueses, alemães e japoneses.



UM POUCO DE HISTÓRIA: A ASCENSÃO DO TELEJORNALISMO REGIONAL

De acordo com Sérgio Mattos (2010, p.85-6), a origem e o desenvolvimento da televisão no Brasil podem ser divididos em sete fases, sendo elas: a fase elitista (1950-1964), onde o televisor era um luxo com acesso apenas para a elite econômica; a fase populista (1964-1975), quando a televisão era considerada exemplo de modernidade e os programas de auditório com baixos recursos dominavam grande parte da programação; a fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), as redes de TV começavam a se valer da tecnologia, levando a um maior profissionalismo e obtendo estímulo dos órgãos oficiais para a exportação de seus próprios programas; a fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), ocorrida durante a Nova República, onde se intensificaram as exportações dos programas televisivos; fase da globalização e da TV paga (1990-2000), quando o Brasil busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se molda aos novos rumos da redemocratização; a fase da convergência e da qualidade digital (2000-2010), onde a tecnologia aponta para uma interatividade maior dos meios de comunicação, principalmente a televisão, com a internet e outras tecnologias de informação, e é adotado o sistema de TV digital e tem início a substituição total do sistema analógico que deve acontecer até 2016; e por último, a fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital (2010-), quando o mercado de comunicação e o modelo de negócios se reestruturam definitivamente devido ao espaço ocupado pelas novas mídias, como o celular, destacando-se nesta fase a produção e a distribuição de conteúdo como sendo de fundamental importância para as redes de televisão.

É relevante destacar a visão do autor de que a produção e distribuição de conteúdo serão de extrema importância para as redes de TV brasileiras do período histórico em que estamos vivendo, pois hoje, entende-se que uma determinada comunidade deseja ver nos noticiários assuntos ligados a sua vida cotidiana, temas pertencentes ao seu universo simbólico, e por isso a produção de conteúdos regionais para a TV vem, paulatinamente, ganhando espaço e é importante expor como a Rede Globo se posicionou frente a este fenômeno, pois a TV Rio Sul é uma afiliada Global:



A resposta da Globo para a questão da regionalização limita-se nos anos 80, à introdução de temáticas regionais em suas novelas. No jornalismo, é somente a a partir do começo dos anos 90 que surgem os jornais denominados *Praça TV: RJTV, MG TV, SP TV*, etc. Mas se, nas outras emissoras, a estratégia da localidade é inserida com rapidez e tranqüilidade – porque nelas não havia um padrão rígido de programação e uma penetração ampla, em escala nacional –, na Globo a coisa é bem diferente. O padrão construído pela emissora – que incluía uma homogeneidade na programação e uma produção voltada para uma grande massa e para o nacional –, cria obstáculos no caminho dessa nova configuração que exige, entre outras coisas, respostas às demandas regionais. (BORELLI; PRIOLLI, 2000: p.88).

Por fim, ainda no que diz respeito ao tema regionalização, não podemos deixar de citar o exemplo do SPTV, que desde 1999 tem uma hora de duração, enquanto em seu formato anterior durava somente 15 minutos.

BREVE HISTÓRICO DA TV RIO SUL

Neste momento, antes de tratar da trajetória da TV Rio Sul, é pertinente ressaltar o texto institucional presente em seu site, para começarmos a esboçar uma ideia da empresa jornalística sobre a qual vamos discorrer:

Focamos o Futuro! O sucesso da TV Rio Sul reflete o crescimento do sul do Estado do Rio de Janeiro, uma região com grande potencial. Nosso telejornalismo se pauta nos acontecimentos, nas conquistas e nos desafios de nossa gente. Focamos no futuro! A TV Rio Sul tem sério compromisso social com todas as comunidades inseridas em nossa área de cobertura.⁴

O texto é assinado por Arnaldo Cezar Coelho, qualificado nesta página eletrônica como Diretor-Superintendente da TV Rio Sul, mas que na verdade é o proprietário desta emissora. A TV Rio Sul entrou no ar em 1990, com sede no município de Resende (RJ). A emissora, afiliada da Rede Globo, cobre 24 cidades do Sul e Centro-Sul Fluminense⁵. Em 1995 foi inaugurada sua primeira sucursal, em Volta

⁴ Informações obtidas em http://riosulnet.globo.com/web/page/televisao_institucional.asp

⁵ As cidades cobertas pela emissora são: Angra dos Reis, Barra do Pirai, Barra Mansa, Comendador Levy Gasparian, Engenheiro Paulo de Frontin, Itatiaia, Mendes, Miguel Pereira, Paracambi, Paraíba do Sul, Paraty, Paty do Alferes, Pinheiral, Pirai, Porto Real, Quatis, Resende, Rio Claro, Rio das Flores, Sapucaia, Três Rios, Valença, Vassouras, Volta Redonda. (Informações obtidas no endereço eletrônico http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_emissora.php?pexib=RES&puf=RJ)



Redonda, contendo escritório comercial e estúdio jornalístico, e em 1999 a emissora inaugura em Resende uma nova sede. O local, que se destaca por sua arquitetura colonial, é uma réplica de uma conhecida fazenda da região da época do Ciclo do Café (Fazenda São Fernando - no município de Vassouras)⁶. O espaço ainda possui a Galeria Rio Sul, onde os artistas plásticos da região podem expor suas obras.

Angra dos Reis também possui uma unidade da TV Rio Sul. Esta sucursal, inaugurada no ano 2000, cobre toda a área litorânea de Angra até o município de Paraty. Com a nova unidade esta afiliada da Rede Globo passou a atingir um público superior a um milhão de pessoas; e no que diz respeito à programação, além de retransmitir os programas da Rede Globo, a emissora veicula algumas produções próprias: o telejornal “Bom Dia Rio”, veiculado de segunda à sexta-feira, começa às 6h30 e vai até 7h15 nos estúdios da TV Globo Rio e depois continua até 7h30 no estúdio da TV Rio Sul; noticiário “Repórter ao vivo”, que é veiculado de segunda à sexta-feira nos intervalos do programa de transmissão nacional “Mais Você”; programa juvenil “Plugue”, veiculado toda sexta ao meio dia; revista eletrônica “Rio Sul Revista”, transmitida todos os sábados ao meio-dia; telejornal RJTV 1ª Edição, que de segunda à sexta vai ao ar 12h15 e aos sábados é transmitido às 12h20; e o telejornal RJTV 2ª Edição, veiculado de segunda a sábado às 19h15.

O objeto a ser estudado neste trabalho será o telejornal RJTV 2ª Edição. Transmitido durante 20 minutos, é apresentado pelo jornalista Fábio Brunelli⁷ e eventualmente por Diego Gavazzi ou Silvia Brugnera. Vale mencionar a descrição feita do telejornal pela TV Rio Sul em seu site: “O telejornal faz um balanço dos principais fatos do dia no Sul do Estado, de forma a manter o telespectador sempre informado (...)”⁸. Neste mesmo endereço eletrônico há ainda um vídeo em que o apresentador do produto jornalístico em questão diz:

⁶ Sobre a inauguração de sua nova sede há o seguinte texto no site da emissora: “(...) É o antigo e o moderno em perfeita harmonia. Está equipada com alta tecnologia, o que otimiza toda a logística da empresa.(...)” (Informações obtidas em http://riosulnet.globo.com/web/page/televisao_institucional.asp)

⁷ Fábio Brunelli também é editor-chefe do telejornal RJTV 2ª Edição

⁸ Informações obtidas em http://riosulnet.globo.com/web/page/televisao_rjtv.asp.



A credibilidade do RJTV 2ª Edição foi conquistada pela qualidade do trabalho que nossa equipe leva ao ar. A gente mostra os fatos que marcaram o dia no sul do Estado do Rio, além de séries especiais sobre temas ligados ao dia a dia da nossa região. O RJTV 2ª Edição é líder absoluto de audiência (...)⁹

A ANÁLISE

Foram analisadas seis edições do telejornal em questão, no período de 9 até 14 de julho de 2012. A escolha deste período foi aleatória, não tendo influência de nenhum evento específico. Analisando seu cenário, é possível constatar sua semelhança com os outros telejornais da Rede Globo onde predominam os tons de azul. Há dois telões no estúdio; em um deles é exibido a logomarca do Jornal (RJTV), onde as letras RJ estão em azul escuro e as letras TV são amarelas, sobre um fundo branco e azul; no outro telão, é projetado a imagem de uma igreja à beira mar, um cartão postal de uma das cidades turísticas com cobertura da TV Rio Sul – a cidade histórica de Parati.

O apresentador Fábio Brunelli permanece em pé entre os dois telões existentes no estúdio, atrás de uma bancada prateada. Brunelli tem uma postura distanciada em relação ao telespectador do programa. Todos os dias há imagens ao vivo, com a entrada de algum repórter; seja para fazer entrevista com algum artista que realizará evento na região, como a entrevista com o cantor Léo Jaime (exibida no dia 14/07/2012); ou para dar as últimas informações sobre acidentes ocorridos nas estradas que cortam o Sul do Estado. A grande maioria das matérias são de acontecimentos das cidades cobertas pela emissora. Nos dias observados apenas três reportagens foram produzidas pela equipe de jornalismo da capital. No total, foram veiculadas 47 matérias, o que nos dá uma média de oito reportagens por dia. Cabe enfatizar que o estudo se deteve apenas na análise das matérias, as notas exibidas no telejornal não foram consideradas.

Do *corpus* analisado, a Editoria que mais foi contemplada foi Cultura, com nove matérias. Em seguida, vieram empatadas com oito matérias as Editorias de Esporte e Diversidades¹⁰. No terceiro lugar do ranking de assuntos abordados pela produção jornalística sondada está o tema Trânsito, com sete reportagens. Na quarta colocação de

⁹Informações obtidas em http://riosulnet.globo.com/web/page/videos_rjtv2.asp.

¹⁰Foram encaixadas nesta Editoria as matérias com assuntos atemporais; como por exemplo a reportagem que tratava da oportunidade de estagiários (trainees) serem efetivados nas empresas onde trabalham após o término de seu curso superior; e também acontecimentos cotidianos, como o aumento do número de empregos nas cidades da região em função do começo das campanhas eleitorais para prefeitos e vereadores.



temáticas contempladas estão as Operações Policiais realizadas na região, com seis matérias. Os Acidentes Rodoviários ocuparam a quinta posição, com cinco notícias. A Editoria de Saúde ficou em sexto lugar, com três matérias. Por último, veio o tema Meio Ambiente, com somente uma reportagem.

Sobre notícias relacionadas a ações do governo do Estado do Rio de Janeiro ou dos órgãos executivos municipais, é preciso destacar que não houve ocorrência deste tipo de matéria, entretanto, merecem ser colocados em relevo os assuntos que foram alvos de reportagens em mais de um dia. O primeiro fato foi a morte do cardeal dom Eugenio Sales¹¹, arcebispo emérito do Rio. Este acontecimento foi focado no dia 10 de julho, dia posterior a morte de dom Eugenio, sendo a reportagem de maior duração daquela edição. Já no dia 11 de julho, foi veiculada notícia sobre a despedida dos fiéis a dom Eugenio. É relevante dizer que a morte de dom Eugênio foi amplamente divulgada, tendo grande repercussão em rede nacional. O outro tema mostrado mais de uma vez pelo RJTV 2ª Edição foi a queda de avião de pequeno porte no mar de Angra dos Reis. O assunto foi abordado durante três dias e vale ressaltar que o acidente em questão também ganhou espaço nos telejornais de rede nacional.

No que diz respeito à Editoria de Cultura, cumpre fazermos uma exposição e uma crítica mais minuciosa. As nove matérias cujo tema foi cultura, exibidas durante os seis dias analisados, falaram sobre os seguintes temas: o último dia da 10ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)¹², com reportagem que enfatizava a satisfação dos participantes do evento; a exposição de pinturas de moradora de Angra dos Reis, cujo foco eram as paisagens da cidade; o Festival Vale do Café¹³ como causador do aumento do movimento das rodovias da região; a animação dos hoteleiros de Penedo – distrito turístico da cidade de Itatiaia –, devido ao asfaltamento da Via Dutra, rodovia que liga vários municípios do Sul do Estado do Rio às grandes cidades do país (Rio de Janeiro, São Paulo, etc.), a falta de iluminação no Museu Casa da Era – no município de Vassouras –, em decorrência a um curto circuito que gerou uma pane elétrica, além da

¹¹ Dom Eugenio de Araújo Sales morreu na noite do dia 9 de julho de 2012, aos 91 anos, vítima de um infarto. Tornou-se uma referência na defesa de perseguidos políticos. Sabe-se que ele abrigou mais de 4 mil pessoas perseguidas pelo regime militar do Cone Sul – principalmente argentinos –, entre 1976 e 1982. (Informações obtidas no endereço eletrônico <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/07/morre-dom-eugenio-de-araujo-sales.html>)

¹² A FLIP aconteceu entre os dias 4 e 8 de julho de 2012.

¹³ “O Festival Vale do Café tem por objetivo criar um pólo turístico cultural e acelerar o desenvolvimento econômico do interior do estado do Rio de Janeiro. Através da preparação anual de uma grande celebração de música, história e natureza, aliada sempre ao respeito pelas raízes e pelo patrimônio histórico da região, o Festival Vale do Café chega a sua 10ª edição, entre os dias 17 e 29 de julho de 2012.” (Informações retiradas do endereço eletrônico <http://festivalvaledocafe.com/>)



exibição de outros problemas de conservação do lugar; a participação de estudantes da capital do Estado em um sarau na cidade de Barra do Piraí; a exposição agropecuária de Paraíba do Sul como responsável direta pelo aquecimento da economia da cidade, principalmente do hotéis, com um aumento de 80% nesta área de prestação de serviço; o início das aulas da oficina de pintura em estilo grafite em Barra Mansa, mostrando como esta arte vem ganhando mais espaço nesta cidade; e, por último, o show do cantor Léo Jaime no dia 14 de junho de 2012 (um sábado).

Após examinar as matérias do RJTV 2ª Edição, o resultado foi que apenas duas notícias (22%) daquelas cujo assunto era cultura mencionavam o passado histórico da região, procurando assim despertar o sentimento de orgulho na população sul-fluminense, e forjar este sentimento como uma característica peculiar á identidade dos habitantes desta região. E a conclusão a que se chega é a de que nossa hipótese inicial – o programa jornalístico em questão busca valorizar o passado da região, e desta maneira forjar como característica da identidade própria aos habitantes do sul-fluminense o orgulho de pertencer a este local possuidor de um passado memorável – não procede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise feita sobre as notícias do RJTV 2ª Edição, é possível destacar como pontos positivos o considerável espaço que é dado para a Editoria de Cultura; o que pode ser comprovado pela posição que este assunto ocupou no ranking de temas abordados pelo telejornal – primeiro lugar –; e no tange à questão do regionalismo, o fato deste noticiário exibir um pequeno número de reportagens produzidas pela equipe de jornalismo da capital, já que durante a semana observada foram apenas três matérias recebidas do Rio. A conclusão a que se chega é a de que há realmente por parte da produção do programa jornalístico examinado a preocupação em falar sobre assuntos de interesse dos habitantes do sul-fluminense, temas que fazem parte do cotidiano desta comunidade. Outra constatação foi a refutação de nossa hipótese inicial de que o telejornal usaria o engrandecimento do passado histórico da região como instrumento para incutir na identidade destes indivíduos o orgulho de pertencer a este local. Cabe aqui comentar que, apesar de este não ser o foco do presente trabalho, é nítida a intenção dos produtores deste telejornal em buscar a valorização de outros aspectos culturais da região: os trabalhos dos atuais artistas da região são comumente mostrados



através de notícias sobre exposições, oficinas de arte e outros eventos culturais, como a Festa Literária Internacional de Paraty.

Vale frisar a utilização das notícias de Esporte também como um dos subterfúgios para valorizar a comunidade da região. Nestas notícias, sempre é posta em relevo a presença de pessoas do sul do Estado em eventos esportivos. É necessário mencionar como ponto favorável à emissora o fato desta realmente fazer programas voltados para seu público-alvo, como por exemplo a revista eletrônica exibida aos sábados – Rio Sul Revista – e o programa Plugue, exibido às sextas para um público predominantemente jovem; e por fim, o que pôde ser constatado é que o RJTV 2ª Edição cumpre exatamente o que é proposto pela emissora em seu site: “(...) Nosso telejornalismo se pauta nos acontecimentos, nas conquistas e nos desafios de nossa gente. Focamos no futuro! (...)”¹⁴. Em outras palavras, este programa jornalístico deseja que a identidade do morador do Sul do Estado do Rio não tenha somente como referência os acontecimentos do passado, mas também os do presente. Na verdade o que se pretende é determinar como característica identitária destas pessoas um grande potencial de crescimento, que precisa ser desenvolvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Silvia H. S; PRIOLLI, Gabriel (coords). **A deusa ferida: porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BRINATI, Francisco Angelo; LEAL, Paulo Roberto Figueira. **Identidade local e imaginário urbano no telejornalismo: os 159 anos de Juiz de fora no MGTV**. Estudos em Jornalismo e Mídia.v.7, n.2, p.367-378. UFSC, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 5. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo. EDUSC, 2001.

¹⁴ Informações obtidas em http://riosulnet.globo.com/web/page/televisao_institucional.asp



LARAIA, Roque de Barros. **Cultura - um conceito antropológico**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira – uma visão econômica, social e política**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MUSSE, Christina Ferraz; PERNISA, Mila Barbosa. Traços de mineiridade nos telejornais da TV Alterosa e da Rede Minas. In: COUTINHO, Iluska; PORCELLO, Flávio & VIZEU, Alfredo. **40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos**. Florianópolis: Insular, 2009.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**/Raquel Paiva; 2 ed. Ver. E ampl. – Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PRADO, José Luiz Aidar; SOVIK, Liv(orgs). **Lugar global e lugar nenhum: ensaio sobre democracias e globalização**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SITES:

Festa Literária Internacional de Paraty – <http://www.flip.org.br/>. Acesso em: 24 de julho de 2012.

Festival Vale do Café – <http://festivalvaledocafe.com/>. Acesso em 21 de julho de 2012.

G1 – O portal de notícias da Globo – g1.globo.com. Acesso em 22 de julho de 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: junho de 2012.

Rede Globo de Televisão(Direção Geral de Comercialização – Atlas de Cobertura). Disponível em http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_emissora.php?pexib=RES&puf=RJ
Acesso em: 18 de julho de 2012.

TV Rio Sul - riosulnet.globo.com/page/tvriosul.asp. Acesso em 17 de julho de 2012